

Características das redes sociais de pessoas idosas em Portugal

Sónia Guadalupe¹

Instituto Superior Miguel Torga & Centro de Estudos e Investigação em Saúde da Universidade de Coimbra

Henrique Testa Vicente

Instituto Superior Miguel Torga & Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade

Fernanda Daniel

Instituto Superior Miguel Torga & Centro de Estudos e Investigação em Saúde da Universidade de Coimbra

RESUMEN

Este estudo descreve as redes sociais pessoais de idosos em Portugal, nas suas características estruturais, funcionais e relacionais-contextuais. Participaram 612 idosos com 65+ anos de idade ($M=76$; $DP=7,6$), na sua maioria mulheres (63%), com filhos (88,2%), e que não vivem sós (78,8%). Estruturalmente as redes apresentam um tamanho médio para a faixa etária ($M=7,9$), são centradas nas relações familiares e muito coesas. São compostas predominantemente por laços familiares (76%), seguindo-se os laços de amizade (13%) e os de vizinhança (8%). Funcionalmente são percebidas como suportativas e recíprocas, associando-se aos laços familiares níveis mais elevados de suporte emocional, tangível e informativo ($p<0,01$). Relacional-contextualmente são estáveis temporalmente, heterogéneas quanto ao sexo e ao grupo etário. A frequência de contactos é plurisemanal e há proximidade geográfica com os membros da rede, vivendo mais próximos e tendo contactos mais frequentes com membros extrafamiliares ($p<0,01$; $p<0,05$). O perfil das redes sociais pessoais tem interesse epidemiológico para profissionais e atores que interferem organizacional e politicamente na intervenção com população idosa, para compreenderem as condições de provisão social das redes informais e equacionarem a promoção do bem-estar individual e social desta população.

Palabras clave: *Redes Sociais – Redes Pessoais – Idosos – Suporte Social.*

ABSTRACT

This study describes the personal social networks of the elderly in Portugal, in their structural, functional and relational-contextual characteristics. 612 elderly people aged 65+ ($M=76$, $SD=7.6$) participated, mostly women (63%), with offspring (88.2%) and not living alone (78.8%). Structurally, networks have a medium size for this population ($M=7.9$), are centered in family relations and have high levels of cohesiveness. They are composed mainly of family ties (76%), followed by friendship ties (13%) and neighborhood ties (8%). Functionally they are perceived as supportive and reciprocal, with family ties associated to higher levels of emotional, tangible and informative support ($p<0.01$). Regarding relational-contextual variables, they are temporally stable and heterogeneous in gender and age. They are also characterized by multiple contacts per week and geographic proximity with network members. Extrafamilial members live closer to the focal person and engage in more frequent contacts ($p<0.01$, $p<0.05$). The profile definition of personal social networks has epidemiological interest for professionals, key actors and stakeholders that are involved, organizationally and politically, in elderly directed interventions, mainly to understand the conditions of social provision of informal networks and to equate the promotion of individual and social well-being in this population.

Key words: *Social Networks – Personal Social Networks – Elderly – Social Support.*

Contacto con los autores: Sónia Guadalupe (soniaguadalupe@gmail.com)

INTRODUÇÃO

O conhecimento aprofundado da estrutura e das funções das relações interpessoais das pessoas idosas constitui um marco de referência para a intervenção e a investigação psicossocial, nomeadamente através da análise multidimensional das suas redes sociais pessoais, sendo, por isso, fundamental conhecer as suas características.

A análise de redes egocentradas emergiu no passado recente em numerosas áreas de investigação científica, com particular relevância no espectro das ciências sociais (Litwin, 1996; Molina, 2001; Portugal, 2014), onde configura uma ferramenta conceptual relevante, tanto do ponto de vista analítico e compreensivo, como do prisma interventivo (Guadalupe, 2016; Sousa, 2005). Contudo, a relevância teórico-prática das "redes" cresceu a par com a proliferação de conceptualizações distintas (Guadalupe, 2016; Wellman, 1996). A definição operacional de rede e dos vínculos que a integram influencia significativamente os resultados obtidos pelos estudos (Wellman, 1996). Neste sentido, apesar de ser possível referenciar uma definição genérica de rede como um conjunto de nós ligados por laços (Wellman, 1996; Vicente & Sousa, 2012a), os estudos têm optado por diferentes referenciais teórico-metodológicos (Portugal, 2014).

O presente estudo reporta-se à conceptualização teórica de rede proposta por Sluzki (1996), bem como às metodologias de análise e dos instrumentos de avaliação decorrentes da mesma (Alarcão & Sousa, 2007; Guadalupe, 2016), assim como aos contributos dos estudos de Litwin (1995a; 1995b).

Para além de fornecer um modelo conceptual, Sluzki (1996) apresenta igualmente um mapa evolutivo das redes sociais abrangendo todo o ciclo vital, mapa esse pontuado por movimentos expansivos e reactivos, consoante os espaços e tempos vividos. Este modelo hipotetiza um movimento de contração da rede nas fases finais do ciclo vital, que Sluzki (1996) metaforiza como a extinção progressiva da galáxia. Apesar do processo de envelhecimento ser marcadamente heterogéneo, dependendo das trajetórias ao longo da vida, entende-se esta etapa de vida como sendo marcada pela desativação das relações interpessoais, por perdas relacionais, sobretudo na geração de pertença do indivíduo, com conseqüente privação de referências identitárias fundamentais. Efetivamente, a literatura tende a reportar uma associação negativa entre idade e tamanho da rede (eg. Cornwell, Laumann & Schumm, 2008; Marsden, 1987; Moral, Miguel & Pardo, 2007; Schnittker, 2007), sendo apontada a probabilidade de

falecimento mais precoce nas pessoas com menos vínculos sociais e comunitários (Berkman & Syme, 1979).

Para além da tendência à diminuição do tamanho da rede na velhice, a literatura assinala igualmente um movimento homogeneizante na rede associado a um enfoque progressivo nas relações familiares pela redução dos contactos sociais e das conexões extrafamiliares (Antonucci & Akiyama, 1987; Cabral et al., 2013; Field & Minkler, 1988; Ham-Chande, Zepeda & Martínez, 2003; Moral et al., 2007; Valle & Garcia, 1994), uma tendência familista que, em Portugal, parece ser transversal às idades (Portugal, 2011, 2014).

A perspetiva deficitária das redes na velhice explorada até ao momento pode ser complementada e enriquecida por aportes distintos. Por exemplo, a teoria da seletividade socioemocional de Carstensen, Isaacowitz e Charles (1999) sublinha a relevância do tempo como preditor da definição de objetivos de vida e das relações interpessoais em que investimos. Neste sentido, na velhice, quando o indivíduo perspetiva o tempo como limitado tende a priorizar relações pontuadas pelo suporte social e as interações sociais com laços fortes e retorno emocional. Por outro lado, as fases tardias da vida podem constituir momentos para a exploração de contextos até então inexplorados e para a integração de novos vínculos significativos e ampliação da rede, quer seja a nível da participação comunitária, nos tempos livres sem obrigações quotidianas, em novas atividades, em meios de comunicação virtuais ou numa eventual institucionalização (Arias, 2009; Arber, Davidson & Ginn, 2003).

Na abordagem às redes sociais são as perspetivas estrutural e funcional que emergem mais comumente. As transações funcionais da rede social, assim como a sua configuração estrutural, estão inscritas nos eixos diacrónico e sincrónico e são indissociáveis do tempo e do espaço ou mesmo das idiosincrasias da vida quotidiana. Na literatura, emergem tipologias de redes sociais de pessoas idosas que predominantemente conjugam os tipos de vínculo, os aspetos morfológicos ou estruturais e os transacionais (Burholt & Dobbs, 2014; Doubova, Pérez-Cuevas, Espinosa-Alarcón & Flores-Hernández, 2010; Giannella & Fischer, 2016; Li & Zhang, 2015; Litwin, 1995a, 1995b; Litwin & Landau, 2000; Melkas & Jylha 1996; Mugford & Kendig, 1986; Park, Smith & Dunkle, 2014; Stone & Rosenthal 1996; Wenger, 1991).

A operacionalização das características das redes sociais pessoais e as abordagens centradas no suporte social têm encontrado várias formas de arrumar tais propriedades. Chambo (1997, p. 9)

considera que, apesar da diversidade, “os diferentes enfoques não fazem mais do que destacar distintos elementos de uma mesma estrutura: umas vezes enfatizam as variáveis individuais, outras as variáveis ambientais ou da rede social e outras as variáveis psicossociais do processo interactivo”, não representando dissonâncias marcadas. Carlos E. Sluzki (1996, p. 45), elenca uma terceira dimensão para a avaliação das redes: “características estruturais (propriedades da rede no seu conjunto), (...) funções dos vínculos (tipo prevalente de intercâmbio interpessoal característico de vínculos específicos e da soma ou combinação do conjunto de vínculos) e (...) atributos de cada vínculo (propriedades específicas de cada relação)”. Barrón (1996) propõe adicionalmente uma perspectiva contextual na investigação do apoio social, para além da estrutural e funcional, considerando os contextos ambientais e sociais em que ocorre o apoio social. A sistematização de Vicente Chambo (1997, p. 8-22) operacionaliza as características das redes e do suporte social em torno das perspectivas estrutural e funcional, considerando na primeira o tamanho e a densidade da rede, assim como um conjunto de parâmetros interacionais que Barrón (1996) tem por contextuais e Sulzki (1996) como atributos do vínculo.

Integrando tais contributos, assim como uma abordagem formalista centrada na morfologia, de uma abordagem estrutural centrada na relação (Portugal, 2007a), e da análise de redes sociais (Molina, 2001), consideramos três dimensões que resultam da análise dialógica das características: a estrutural, a funcional e a relacional-contextual (Guadalupe, 2016). A dimensão estrutural refere-se à organização da teia ou arranjo relacional, a funcional às trocas e necessidades funcionais que ocorrem na rede e a dimensão relacional-contextual inscreve as relações no seu contexto específico e na história interacional (Guadalupe, 2016). Esta é a abordagem multidimensional que a presente investigação adota, com uma “arrumação”

Os inquiridos, na sua maioria, moram em sua casa (80,2%), em zonas rurais (52,9%), inseridas em aglomerado populacional (90,7%), e viveu sempre na mesma zona ou em localidade próxima (79,6%). Dos 124 sujeitos que mudaram de zona ao longo da vida, 66 (53,2%) mudaram de zona do país uma vez, 28 (22,6%) mudaram várias vezes e 30 (24,2%) mudaram de zona mas regressaram à anterior.

Os participantes, na maioria, não são utentes de respostas sociais (72,1%). De entre os 171 inquiridos que recorrem a respostas sociais, 56

tridimensional das características da rede social pessoal.

Objetivos

O presente estudo tem como objetivo descrever multidimensionalmente as características das redes sociais pessoais de idosos em Portugal, a nível estrutural, funcional e relacional-contextual (Guadalupe, 2016, 2017). A dimensão estrutural refere-se à organização relacional dos membros que compõem a rede, a funcional aos recursos intercambiados entre os membros e a dimensão relacional-contextual inscreve as relações no seu contexto espacial e na história dos vínculos (Guadalupe, 2016).

MATERIAL E MÉTODOS

Participantes

Os participantes apresentam idades entre os 65 e os 98 anos, em média com 76 anos de idade (DP=7,6). Quando observamos a distribuição por classe etária, verificamos que a maior parte da nossa amostra tem idades inferiores a 75 anos (48,7%), seguidos dos que têm entre 75 e 84 (36,4%), sendo os mais velhos, com idades iguais ou superiores a 85 anos, os menos frequentes (14,9%). As mulheres encontram-se mais representadas na amostra (63,1%).

A maioria dos participantes apresenta escolaridade (68,9%), sobretudo ao nível do ensino básico (51,3%), seguindo-se os que não apresentam escolaridade (31,1%), sendo menos frequentes os que apresentam mais de 4 anos de escolaridade (17,6%). A última profissão desempenhada pelos sujeitos foi de doméstica (19,1%), tendo 17,3% sido trabalhador fabril, nas máquinas e na construção civil, 14,7% na agricultura e floresta e 12,6% no comércio e restauração. As restantes profissões foram menos frequentes. De entre a amostra, 17,2% estiveram emigrados durante parte da sua vida.

encontram-se a residir em estruturas residenciais para a população idosa, em média há aproximadamente 7 anos (M=87,62 meses; DP=98,73).

Os participantes são sobretudo casados (52,2%) e viúvos (36,1%), não vivem sós (78,8%), mas com o cônjuge (34,8%) ou com outros parentes (29,7%), sendo que 9,2% vivem em contexto institucional. 540 têm filhos (88,2%), em média 2,30, 28,7% têm filhos únicos (n=155) e 71,3% têm fratrias com 2 ou mais filhos (n=385).

Tabela 1.
Características sociodemográficas dos participantes

	N = 612	100 %	Medidas descritivas
	n	%	
Sexo			
Masculino	226	36,9	
Feminino	386	63,1	Mo: Feminino
Idade (a)			
< 75 anos	298	48,7	M = 75,56, DP = 7,598
75 – 84 anos	223	36,4	Min = 65, Máx = 98
85+ anos	91	14,9	Me = 75, Mo: 65.
Habilitações literárias (b)			
Sem escolaridade	190	31,1	
1º Ciclo Ensino Básico	314	51,3	
2º Ciclo Ensino Básico	26	4,2	Mo: 1º Ciclo Ensino Básico
3º Ciclo Ensino Básico	32	5,2	
Ensino Secundário	15	2,5	
Curso superior	35	5,7	
Situação residencial			
Na sua casa	491	80,2	
Em casa de familiares	58	9,5	
Em instituição (resposta social) (c)	56	9,2	Mo: na sua casa
Outra situação (rotatividade, p.ex.)	7	1,1	
Apoio de respostas sociais			
Sem apoio	441	72,1	
Com apoio	115	18,8	Mo: sem apoio
Residente em resposta social (c)	56	9,2	

Notas: (a) A estas classes etárias são atribuídas diversas designações na literatura e em organizações internacionais que se dedicam ao estudo do envelhecimento populacional: 65-74 – "young old" (jovens idosos); 75-84 – "old" ou "middle-old" (idosos); 85+ – "old-old" ou "the oldest-old" (muito idosos).

(b) Atendendo à faixa etária da amostra, no questionário usámos os níveis de ensino reconhecidos pela geração: 4ª classe (1º CEB), ensino preparatório (2º CEB), 9º ano (3º CEB) e 12º. N/R – Não responde.

(c) Considerou-se residente em resposta social o utente de ERPI e utente de centro de dia e de noite simultaneamente, sendo esta considerada uma variável proxy de institucionalização, ao que juntamos 3 casos de membros de congregações por residirem no contexto institucional.

N – amostra total; n – frequência; M – média; DP – desvio-padrão; Me – Mediana; Mo – Moda, Min – Mínimo; Máx – Máximo.

Tabela 2.
Características sociofamiliares

	N = 612	100%	
	n	%	
Estado civil			
Solteiro	44	7,2	Mo: Casado
Casado (a)	321	52,5	
Viúvo	221	36,1	
Divorciado (b)	26	4,2	
Família Unipessoal			
Vive sozinho	130	21,2	Mo: Não vive sozinho
Não vive sozinho	482	78,8	
Composição do agregado familiar			
Unipessoal	130	21,2	Tamanho do agregado
Casal	213	34,8	M = 2,3, DP = 1,27
Casal e família alargada (c)	100	16,3	Min = 1, Máx = 10
Indivíduo com família alargada (c)	82	13,4	Me = 2,0 Mo: 2.
Indivíduo com outros parentes/pessoas	24	3,9	
Não vive em contexto familiar (instituição)	56	9,2	
Outra situação (d)	7	1,1	
Parentalidade			
Não tem filhos	72	11,8	Número de filhos
			N = 540,
			M = 2,3, DP = 1,42
			Min = 1, Máx = 14
Tem filhos	540	88,2	Me = 2,0 Mo: 2.

Notas: (a) ou unido/a de facto; (b) ou separado/a; (c) Enquadrámos na família alargada os filhos, genros, noras e netos; (d) rotatividade em casa de filhos, por exemplo.

N – amostra total; n – frequência; M – média; DP – desvio-padrão; Me – Mediana; Mo – Moda, Min – Mínimo; Máx – Máximo

Método

Trata-se de um estudo de Análise de Redes Sociais, eminentemente de análise descritiva das variáveis contínuas e discretas incluídas nas dimensões estruturais, funcionais e relacionais-contextuais de redes sociais pessoais, avaliadas num corte transversal. Adicionalmente foi

efetuada a comparação de valores médios de algumas características em análise entre o campo das relações familiares e extrafamiliares, através do Teste T.

A amostra é não-probabilística e todos os participantes são voluntários, tendo sido selecionados através das técnicas de

amostragem de informantes estratégicos e de “bola de neve”. O plano de amostragem cumpriu as seguintes estratégias operacionais: 1) sinalização do indivíduo de acordo com os critérios de inclusão na amostra (critério etário, capacidade de resposta autónoma e compreensão das questões constantes no protocolo); 2) informação acerca dos objetivos da investigação; 3) pedido de colaboração no estudo e consentimento informado; 4) hetero-administração dos instrumentos de recolha de dados, em situação de entrevista. A recolha de dados decorreu em Portugal entre Fevereiro de 2012 e Fevereiro de 2015.

A recolha de dados decorreu sobretudo na zona centro do país, sendo os inquiridos residentes no distrito de Coimbra (n=403; 65,8%), de Aveiro (n=54; 8,8%) e de Leiria (n=50; 8,2%), havendo participantes de outros distritos de Portugal continental (Évora, Guarda, Lisboa, Portalegre, Santarém, Viseu, com n<32, representando, no conjunto, 14,4% da amostra) e da Região Autónoma da Madeira (n=17; 2,8%).

Para tratamento dos dados, foi usada a versão 21 do programa informático IBM SPSS Statistics (Statistical Package for the Social Sciences) para Windows.

Instrumentos

O Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP) (Guadalupe, 2016, 2017; Alarcão & Sousa, 2007) foi usado para a avaliação da rede e um inquérito por questionário para a caracterização dos participantes. O IARSP é um inventário multidimensional que caracteriza a rede social pessoal nas suas dimensões estrutural, funcional e relacional-contextual (Guadalupe, 2016), tendo sido utilizada a versão IARSP-Idosos desenvolvida por Guadalupe & Vicente em 2012 (*in* Guadalupe, 2017).

O IARSP-Idosos usa um gerador de rede multidimensional e complexo centrado na abordagem relacional, afetiva e de troca na rede (Van der Poel, 1993), solicitando a enumeração de uma lista livre de membros (Molina, 2001) através da seguinte questão sonda: “refira o nome das pessoas com que se relaciona, que são significativas na sua vida e o/a apoiam”. Depois de listados os elementos da rede, os participantes forneceram informação sobre cada um e sobre a forma como os membros das redes de cada inquirido se relacionam entre si para aferir a densidade da rede (assinalando os membros de cada rede que se relacionam e que se reconheceriam mutuamente na rua).

Analisámos as variáveis seguindo uma conceptualização tridimensional. A *dimensão estrutural* inclui: 1) tamanho da rede; 2)

composição da rede por campos relacionais (relações familiares, de amizade, de vizinhança, com colegas de trabalho, institucionais); 3) distribuição da rede - proporção dos campos relacionais no tamanho da rede; 4) densidade. A *dimensão funcional* integra: 1) suporte social percebido (emocional, material e instrumental, informativo, companhia social, acesso a novos contactos); 2) reciprocidade de apoio. A *dimensão relacional-contextual* inclui: 1) durabilidade dos laços; 2) frequência de contactos; 3) dispersão geográfica; 4) homo/heterogeneidade etária e sexual na rede.

RESULTADOS

O tamanho médio das redes é de 8 membros (M=7,9; DP=5,2), variando a amplitude amostral entre 1 e 40 membros. Apesar de a média se situar em 7,9, é abaixo desse valor que se registam as frequências mais elevadas, particularmente entre os 4 e os 7 membros, sendo o valor modal de 6 membros (11,6%; n=71).

O tamanho da rede situa-se sobretudo no intervalo entre os 4 e os 7 membros, variando a maior expressão percentual entre os 3 e os 8 membros, com 59,7% dos casos. As redes de tamanho ínfimo, com 1 ou 2 membros são pouco frequentes (6,4%), assim como as redes maiores, entre os 15 e os 40 membros (8%). Assinale-se que encontramos cerca de 1/3 da amostra (34%) acima do tamanho médio da rede (8 membros) (Tabela 3).

A composição da rede é analisada através do número de membros por cada campo relacional e da distribuição da rede (proporção que cada campo relacional representa percentualmente no tamanho da rede). Os membros que compõem as redes dos participantes são sobretudo familiares, sendo o número médio de familiares quase cinco vezes superior ao número médio de amigos, o segundo campo relacional com maior representação.

Os membros dos outros três campos relacionais considerados são mais residuais nas redes. O domínio das relações familiares é confirmado na análise da distribuição, sendo que as redes apresentam, em média, 75,9% de membros com laços de parentesco com o sujeito focal, sendo o valor modal de 100%. Seguem-se os laços de amizade e de vizinhança (12,8% e 7,8%, em média, respetivamente), aparecendo posteriormente com um peso menos expressivo as relações institucionais ou secundárias (M=2,8%), e as relações de trabalho (M=0,6%).

Tabela 3

Características estruturais das redes sociais pessoais: Tamanho da rede

Tamanho da rede em classes	N = 612		
	n	100%	
1 e 2 membros	39	6,4	M = 7,90, DP = 5,23 Min = 1, Máx = 40 Me = 7, Mo: 6.
3 e 4 membros	120	19,6	
5 e 6 membros	140	22,9	
7 e 8 membros	105	17,2	
9 e 10 membros	72	11,8	
11 e 12 membros	57	9,3	
13 e 14 membros	30	4,9	
>14 membros	49	8,0	

N - amostra total; n - frequência; N/R - não responde.

A densidade média das redes dos participantes é muito elevada e indicativa de redes muito coesas, registrando-se 418 casos (78,6%) com 100% de densidade, apresentando redes em que todos os membros da rede estão interconectados entre si, independentemente do sujeito central. Categorizando, 90% da amostra apresenta redes coesas com mais de 80% de membros que se reconhecem mutuamente, sendo as redes fragmentadas muito menos frequentes e as dispersas estatisticamente residuais (Tabela 4).

Tabela 4

Características estruturais das redes sociais pessoais: composição, distribuição e densidade,

	N = 612	M	Me	Mo	DP	Min	Max
Composição da rede							
Membros das relações familiares		5,91	5	4	4,35	0	40
Membros das relações de amizade		1,08	0	0	2,05	0	17
Membros das relações de vizinhança		0,61	0	0	1,36	0	13
Membros das relações de trabalho		0,04	0	0	0,30	0	4
Membros das relações institucionais		0,27	0	0	1,33	0	16
Distribuição da rede por campos relacionais*							
Proporção das relações familiares		75,94	84,62	100	27,83	0	100
Proporção das relações de amizade		12,83	0	0	20,52	0	100
Proporção das relações de vizinhança		7,85	0	0	16,76	0	100
Proporção das relações de trabalho		0,64	0	0	4,58	0	57,14
Proporção das relações institucionais		2,76	0	0	11,37	0	100
Densidade**		95,87	100	100	11,56	0	100
Campos relacionais***		1,75	2	1	0,80	1	4
		N		%			
Tipo de densidade da rede							
Coesa (> 80% a 100%)		556		90,8			
Fragmentada (> 33,33% a 80%)		52		8,5			
Dispersa (< = 33,33%)		4		0,7			
Número de campos relacionais na rede							
Um		277		45,3			
Dois		223		36,4			
Três		100		16,3			
Quatro		12		2,0			
Família na Composição da Rede							
Redes exclusivamente familiares		262		42,8			
Redes com relações familiares e extrafamiliares		329		53,8			
Redes sem relações familiares		21		3,4			

N - amostra total; n - frequência; M - média; DP - desvio-padrão; Me - Mediana; Mo - Moda; Min - Mínimo; Máx - Máximo.

*Proporção de cada campo no tamanho da rede: Varia entre 0 e 100 (em percentagem).

** Interconexão entre os membros independentemente do sujeito central. Varia entre 0 e 100.

*** Considerámos 5 campos relacionais: relações familiares, de amizade, de vizinhança, de trabalho e institucionais. Varia entre 1 e 5.

Analisando a composição das redes dos participantes, é assinalável que 45,3% da amostra tenha as suas redes apenas centradas num único campo relacional, sendo que 42,8% apresenta redes exclusivamente familiares. As redes exclusivamente compostas por amigos, vizinhos e relações institucionais são residuais, com percentagens $\leq 1,5\%$, sendo inexistentes redes só com relações de trabalho. A inexistência de laços familiares nas redes apenas marca 3,4% dos casos. Seguem-se as redes compostas por 2 domínios relacionais (36,4%) ou 3 (16,6%), sendo as redes de 4 campos claramente minoritárias (2%) com apenas 12 casos, não existindo qualquer caso com todos os domínios relacionais que caracterizámos no estudo. A composição das redes com 2, 3 ou 4 campos relacionais expressam uma maior diversidade de combinações, sendo as mais comuns as redes

compostas por família e amigos (22,2%), por família, amigos e vizinhos (10,9%) e por família e vizinhos (10,3%). As restantes combinações registam uma expressão inferior a 3%.

Os níveis percebidos de suporte foram avaliados para cinco funções (emocional, tangível, informativo, companhia social e acesso a novos contactos), através de uma escala de intensidade (1 a 3). Foi ainda avaliada a reciprocidade. Os níveis médios percebidos de suporte são elevados, remetendo para "algum" e "muito" apoio, com o apoio emocional a apresentar os níveis mais elevados, e o tangível e acesso a novos contactos os mais baixos. A reciprocidade é também percebida como elevada, revelando que os sujeitos dão apoio a algumas ou à maior parte das pessoas da sua rede (Tabela 5).

Tabela 5*Características funcionais das redes sociais pessoais: medidas descritivas*

<i>N</i> = 612	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>Mo</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
Apoio emocional*	2,64	2,75	3	0,38	1,25	3
Apoio tangível (material e instrumental)*	2,21	2,25	3	0,55	1	3
Apoio informativo*	2,37	2,33	3	0,49	1	3
Companhia social*	2,33	2,29	3	0,46	1	3
Acesso a novos contactos*	2,20	2,22	3	0,60	1	3
Reciprocidade de apoio**	3,33	4,00	4	0,94	1	4
Reciprocidade de apoio		<i>n</i>			<i>%</i>	
Não dá apoio a nenhuma destas pessoas		41			6,7	
Dá apoio a poucas destas pessoas		77			12,6	
Dá a apoio a algumas destas pessoas		132			21,6	
Dá apoio à maior parte destas pessoas		362			59,2	

N – amostra total; *n* – frequência; *M* – média; *DP* – desvio-padrão; *Me* – Mediana; *Mo* – Moda, *Min* – Mínimo; *Máx* – Máximo.

* Quanto maior é o valor, maior o nível de apoio percebido. O apoio percebido foi avaliado numa escala que varia entre 1 e 3 (1. nenhum, 2. algum e 3. muito). Inquirimos sobre o apoio percebido relativamente a cada membro da rede através das seguintes afirmações: Apoio emocional – “Estima-o(a), dá-lhe afecto e carinho num clima de simpatia e compreensão”; Apoio tangível: “Ajuda-o(a) nas coisas do dia-a-dia, empresta-lhe dinheiro ou bem em caso de necessidade”; Apoio informativo: “Dá-lhe informações úteis; esclarece-o(a). Diz-lhe onde deve recorrer”; Companhia social: “faz-lhe companhia”; Acesso a novos contactos: “Indica-lhe a quem deve recorrer e/ou apresenta-lhe pessoas novas. O Apoio Social (somatório) resulta do cálculo médio do somatório das variáveis anteriores. ** Quanto maior é o valor, maior o nível de reciprocidade percebida. Depois de identificar os membros da rede, o inquirido classifica a sua rede, em geral, numa escala que varia entre 1 e 4: 1 – “não dá apoio a nenhuma destas pessoas”; 2 – “dá apoio a poucas destas pessoas”; 3 – “dá apoio a algumas destas pessoas”; 4 – “dá apoio à maior parte destas pessoas”.

A durabilidade das relações interpessoais indica-nos que os vínculos são temporalmente estáveis, existindo em média há 40 anos (mas com uma variabilidade significativa, entre 3 anos e 74 anos). A média da frequência de contactos entre os idosos e os membros das suas redes indica contactos semanais e plurisemanais ($M=3,87$), ainda que o valor modal corresponda ao contacto diário. A dispersão geográfica revela a residência na mesma localidade ou na mesma rua/bairro como mais frequentes ($M=3,20$). As redes tendem a apresentar-se heterogéneas, tanto relativamente ao sexo (64,7%), como à idade (54,1%) dos seus membros (Tabela 6).

Verifica-se uma tendência para que o suporte social percebido seja mais valorizado quando a fonte são os laços familiares, comparativamente com resultados relativamente aos laços não familiares. Apesar de as diferenças de valores serem baixas, verifica-se uma tendência constante com diferenças estatisticamente significativas relativamente ao apoio emocional, tangível e informativo ($p<0,01$). Verifica-se que a frequência média de contactos ($p<0,01$) e a proximidade de residência ($p<0,05$) são maiores com os laços não familiares do que com os laços familiares (Tabela 7).

Tabela 6*Características relacionais-contextuais das redes sociais pessoais: medidas descritivas*

	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>Mo</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
Durabilidade média das relações com membros da rede (em anos)	606	39,79	39,26	34	11,51	3	74,00
Frequência de contactos*	612	3,87	4,00	5	0,91	1	5
Dispersão geográfica*	612	3,20	3,20	3	0,89	1	5
		<i>N</i>				<i>%</i>	
Homo/Heterogeneidade de sexo							
Heterogénea		396					64,7
Homogénea sexo feminino ($\geq 75\%$)		163					26,6
Homogénea sexo masculino ($\geq 75\%$)		53					8,7
Homo/Heterogeneidade etária							
Heterogénea na idade		331					54,1
Homogénea no grupo idoso ($\geq 75\%$ ≥ 65 anos)		60					9,8
Homogénea no grupo adulto ($\geq 75\%$ 18-64 anos)		214					35,0
Homogénea no grupo jovem ($\geq 75\%$ < 18 anos)		2					0,3
N/R		5					0,8

N – amostra total; *n* – frequência; *M* – média; *DP* – desvio-padrão; *Me* – Mediana; *Mo* – Moda, *Min* – Mínimo; *Máx* – Máximo; N/R – não responde.

* Varia entre 1 (menor dispersão e menor frequência de contactos) a 5 (maior dispersão e maior de frequência de contactos). A variável frequência de contactos recorreu à seguinte escala de avaliação para caracterizar a sua interação com cada membro da rede: 5-Diariamente, 4-Algumas vezes por semana, 3-Semanalmente, 2-Algumas vezes por mês, 1-Algumas vezes por ano. A variável dispersão geográfica recorreu à seguinte classificação relativamente à localização da residência do sujeito central face a cada membro da sua rede: 5-Na mesma casa, 4-No mesmo bairro/rua, 3-Na mesma terra, 2-Até 50Km, 1-A mais de 50km.

Tabela 7

Comparação de médias entre as relações familiares e extrafamiliares para as características funcionais e relacionais-contextuais das redes sociais pessoais

		N	M	Mo	DP	Min	Max	Correlação de amostras emparelhadas (1)	Teste T para amostras emparelhadas (1)
Características funcionais									
Apoio emocional	FAM	591	2,68	3	0,39	1	3	0,379***	5,319***
	EFAM	344	2,50	3	0,51	1	3		
Apoio tangível (material e instrumental)	FAM	591	2,26	3	0,58	1	3	0,438***	5,313***
	EFAM	344	2,03	2	0,64	1	3		
Apoio informativo	FAM	591	2,39	3	0,52	1	3	0,396***	2,956**
	EFAM	344	2,28	2	0,59	1	3		
Companhia social	FAM	591	2,33	3	0,51	1	3	0,268***	-0,026 ^{n.s.}
	EFAM	344	2,27	2	0,54	1	3		
Acesso a novos contactos	FAM	591	2,21	3	0,63	1	3	0,624***	1,666 ^{n.s.}
	EFAM	344	2,15	2	0,64	1	3		
Características relacionais-contextuais									
Frequência de contactos	FAM	591	3,79	5	1,01	1	5	0,122*	-3,495**
	EFAM	344	4,06	5	1,04	1	5		
Dispersão geográfica	FAM	591	3,16	3	1,01	1	5	0,143**	-2,331*
	EFAM	344	3,22	4	0,89	1	5		

Notas: FAM – Relações familiares (n = 591); EFAM – Relações Extrafamiliares (outros campos relacionais) (n = 344).

(1) A análise comparativa é efetuada com 344 casos. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; n.s. – p não significativo.

DISCUSSÃO

Ainda que a amostra do estudo não seja probabilística e os resultados não sejam generalizáveis, verifica-se pouco desfasamento dos dados na tríade “sexo-escolaridade-estado civil” entre a amostra e a população da mesma faixa etária em Portugal (65+ anos) segundo os dados censitários de 2011 (INE, 2012). Verifica-se uma predominância do sexo feminino na amostra, ainda que superior à registada nos Censos de 2011 (63,1% versus 58,1%). Também na distribuição por estado civil se verifica a mesma tendência entre os nossos participantes e a população portuguesa: 7,2 % versus 6,3% solteiros; 52,5% versus 59,5% casados; 4,2% versus 3,8% divorciados; 36,1% versus 30,6% viúvos. Na escolaridade registamos também proporções idênticas na distribuição da amostra face à sua distribuição na população em 2011: 31,1% versus 36,6% sem escolaridade; 51,3% versus 46,1% com o 1.º ciclo do ensino básico; 4,2% versus 3,3% com o 2.º ciclo; 5,2% versus 6% com o 3.º ciclo; 2,5% versus 3% com o ensino secundário; 5,7% versus 5,1% com o ensino superior.

Estas variáveis têm sido consideradas como indicadores determinantes nos estudos das redes (Ajrouch, Blandon, & Antonucci, 2005; Cabral et al., 2013; Cornwell, Laumann, & Schumm, 2008; Ferreira, & Marques, 2012; Grundy, & Holt, 2001), pelo que a similitude entre tais distribuições, coadjuvada pela extensão da amostra (n=612), permite-nos a discussão dos resultados enquanto característicos desta população, sendo esta

organizada segundo as dimensões das redes sociais pessoais.

Características estruturais da rede social pessoal

Em média, o tamanho de rede dos participantes é de 8 membros ($M = 7,90 \pm 5,23$). Havendo escassez de estudos com amostras amplas e com metodologias de inquirição idênticas (e.g. inventários e geradores de rede comparáveis), torna-se difícil afirmar se o valor médio obtido será também um valor médio de tamanho de rede para esta população. Nos estudos revistos sobre redes sociais pessoais e redes de suporte de pessoas idosas, o número médio de membros da rede varia entre 2 a 12 membros, o que representa uma variação ampla, mas tal parece dever-se a divergências no método, situando-se os valores médios no mesmo intervalo dos nossos resultados quando a metodologia se aproxima.

Nos idosos, as redes mais restritas em tamanho são as redes de confiança e as redes de confidentes (Cabral et al., 2013; McPherson et al., 2006). Cabral et al. (2013), num estudo em Portugal com adultos com 50+ anos, verificaram que o tamanho médio das redes de confiança era de 2,28 elementos, tendo em 62,8% dos casos 1 ou 2 pessoas. Outros estudos concluem que os sujeitos focais discutem assuntos importantes com 2,06 pessoas, tendo 65% mencionado 1 ou 2 vínculos (Salinas, Manrique & Rojo, 2008), com 2,1 pessoas (McPherson et al., 2006), com 3 pessoas (Marsden, 1987), ou com 3,57 (Cornwell, Laumann & Schumm, 2008). Também Domingues et al. (2013), indicam tamanho

ínfimos para a rede de contactos ($M=1,48$) e de suporte social ($M=1,42$), tendo as redes entre 1,6 e 5 membros no estudo de Vassilev et al. (2016). Tais dados revelam redes mínimas, tendendo estas a ser rápidas na mobilização, porque coesas, mas pouco eficazes em situações de necessidade de apoio de longa duração, sobrecarregando os poucos membros, apresentando dificuldades na sua efetividade (Sluzki, 1996). No entanto, três destes estudos usaram listas limitadas a 6 ou a 8 membros (Cabral et al., 2013; Cornwell et al., 2008; Salinas et al., 2008), tendo o nosso estudo optado por uma lista ilimitada, pelo que estas divergências parecem dever-se à inquirição.

Outros estudos revelam tamanhos médios inferiores ao verificado por nós, ainda que dentro do intervalo de dispersão. Um tamanho médio de 5,29 membros foi encontrado por Valle e Garcia (1994) num estudo com idosos espanhóis, tendo Burholt e Dobbs (2014), num estudo com uma amostra multicultural de sujeitos com 55+ anos, apontado para valores médios entre 4 a 6 elementos. Por seu lado, Wenger (1991) encontrou, tamanhos de rede que variaram entre 2 a 18 membros tendo 43% entre 5 a 7 membros e 32% 8 ou mais.

Alguns trabalhos indicam valores mais aproximados dos nossos resultados. Litwin (1995a), no seu estudo com judeus soviéticos emigrados em Israel com 62+ anos, assinala 8,64 membros na rede antes da emigração e de 7,3 após a emigração. De assinalar que este estudo apresenta o instrumento gerador de rede mais similar ao utilizado no presente trabalho. Num outro estudo Litwin e Landau (2000), com participantes de 75+ anos, apontaram para tamanhos médios de rede entre 4,2 e 11,1 membros. O estudo de Phillipson, Bernard, Phillips e Ogg (2001) revelou um tamanho médio de 9,3 membros.

Três estudos em Portugal, com metodologias diversas, apontam redes um pouco mais alargadas. Num estudo anterior com 119 idosos concluímos que o número médio de pessoas que os inquiridos conheciam suficientemente para visitá-las era de 10 (Daniel, Ribeiro & Guadalupe, 2011), sendo este um indicador indireto da rede. Outro estudo com idosos com 75+ anos, mas inseridos em famílias multigeracionais (com representantes vivos em quatro gerações independentemente dos padrões de coabitação), indica o tamanho médio de 12 membros (Vicente & Sousa, 2012a). Já Paúl, Fonseca, Martin e Amado (2005) identificam 10 membros na rede familiar, 12 na de amigos e 5 na de confidentes (5).

Outras variáveis estruturais determinantes na análise são a composição e distribuição da rede.

Avaliámos a diversidade relacional na rede através do número de campos relacionais e apurámos que os sujeitos apresentam redes que têm entre 1 e 2 campos, em média ($M=1,75 \pm 0,80$), sendo residuais as frequências de redes com 3 ou 4 e inexistentes redes com 5 campos. A parca diversidade de vínculos relacionais resulta, no entanto, em vinte combinações diferentes de campos relacionais nas redes, sendo as mais expressivas as redes compostas exclusivamente por laços familiares (42,8%) e as redes compostas por relações familiares e de amizade (22,2%), seguidas pelas compostas por família, amigos e vizinhos (10,9%) e família e vizinhos (10,6%).

Lima (2010, p. 52) considera que “para muitos idosos, a sua rede social é sinónimo de família”, afirmando Sílvia Portugal (2007) que as redes sociais se definem em torno do critério “a família/os outros”. O campo das relações familiares sobressai em 96,6% dos casos, não estando presente nas redes apenas em 3,4%. Este ocupa, em média, 75,9% do tamanho das redes, apresentando também um número médio de membros superior ao registado noutros campos ($M=5,91$), tendo cinco vezes mais membros do que os restantes. Os resultados evidenciam indubitavelmente o familismo das redes, que parece agudizar-se nesta população de idade mais avançada, atendendo à contração da rede e ao menor envolvimento com vínculos extrafamiliares (Antonucci & Akiyama, 1987; Cabral et al., 2013; Field & Minkler, 1988; Ham-Chande, Zepeda & Martínez, 2003; Moral et al., 2007; Portugal, 2011, 2014; Valle & Garcia, 1994). Concordamos, assim, com Sílvia Portugal (2007, p. 53) quando sublinha a indubitabilidade que representa a “vitalidade e importância na configuração das redes sociais” das relações familiares, já que o “laço de parentesco oferece a perspectiva de longo prazo que falta às outras relações, mais suscetíveis às mudanças de diferentes tipos e à erosão pelo tempo”.

As relações de amizade na idade avançada não têm tido a atenção merecida dos investigadores, mas estas encontram-se representadas em 44% das redes dos participantes do estudo. Como relação interpessoal voluntária e recíproca, baseada em similitudes na coexistência, na confiança, na intimidade e na partilha de ajuda, entre outros atributos comportamentais, cognitivos e afetivos (Adams, Blieszner & de Vries, 2000; Fehr, 1996; Souza & Hutz, 2008), dependendo de fatores ambientais, situacionais, individuais e diádicos (Fehr, 1996; Wenger, 1990; Willmott, 1987), algumas das suas condições de construção e manutenção são desafiadas nesta fase da vida pela senescência e condições de vida (Peters & Kaiser, 1985). A partilha geracional e a disponibilidade de tempo livre são potenciadoras do seu reforço, sendo as relações mais duradouras associadas aos

confidentes e marcadas pela relembração de memórias do passado partilhado, e as amizades mais recentes valorizadas por acrescentarem perspectivas novas (Araújo et al., 2012; Shea, Thompson & Blieszner, 1988), ainda que sejam menores as oportunidades de estabelecer novas amizades (Peters & Kaiser, 1985). Entre as pessoas mais velhas, as amizades têm um efeito protetor para problemas emocionais (Almeida & Maia, 2010; Matt & Dean, 1993) e favorecem o bem-estar pela partilha de interesses comuns (Araújo et al., 2012; Hooyman, 1983), sendo valorizados os comportamentos que reafirmam a relação (Adams, Blieszner & de Vries, 2000).

Os resultados revelam que os laços vicinais estão presentes em 25,8% das redes dos idosos inquiridos, sendo o terceiro campo relacional mais destacado. Na literatura, a vizinhança é colocada a par da amizade, ambas relações extrafamiliares (Peters & Kaiser, 1985; Wenger, 1990) no que toca à interação e na ação compensatória face à inexistência de laços familiares ou de apoio destes, sendo laços tidos como relevantes nas redes sociais na população idosa (Dobova et al., 2010; Litwin, 2001; Peters & Kaiser, 1985; Wenger, 1990, 1991), particularmente importantes na proteção face ao isolamento e solidão (Hooyman, 1983). Também não têm sentido de obrigação, tal como as amizades, mas são relações marcadas pela acessibilidade (Wenger, 1990). Sendo a proximidade residencial definidora do laço, os vizinhos podem ser facilmente mobilizados em caso de emergência (Wenger, 1990; Hooyman, 1983), assim como para assegurar suporte a longo prazo a nível de segurança, vigilância ou na resposta a necessidades de apoio instrumental, quer no cuidar, quer em atividades da vida diária (Fonseca, Paúl, Martín & Amado, 2005; Peters & Kaiser, 1985).

São também de salientar as relações institucionais nas redes, com uma proporção média de 2,76%, sobretudo associadas aos sujeitos que são utentes de respostas sociais para idosos. Constituem a dimensão secundária dos laços, sendo relações relevantes na provisão de recursos de suporte, respondendo ou compensando situações de autonomia diminuída e de isolamento, de dificuldades ou de privação de suporte. Aliás, as relações próximas e suportativas são o principal fator de proteção para a prevenção ou adiamento da institucionalização (Giles, Glonek, Luszcz & Andrew, 2007), mas estas nem sempre estão ativas ou são efetivas, havendo maior probabilidade de recurso à rede secundária.

Para os sujeitos que passam a viver em instituições ou a permanecer lá parte substancial do dia, reunindo capacidades para estabelecer relações interpessoais, esta nova fase da sua vida deve ser encarada como uma fase de

abertura a novos vínculos (Aday, Kehoe & Farney, 2006), sendo relevantes tanto os laços formais como os laços com co-residentes ou amigos no seio institucional (Zumalde, 1994; Wolff, 2013). Note-se que no presente estudo 49,2% dos sujeitos com apoio de respostas sociais eram utentes de centros de dia e 29,4% são residentes em respostas sociais (há cerca de 7 anos, em média).

De entre os campos relacionais considerados, o mais residual é o campo das relações de trabalho. Tal dever-se-á ao facto de a esmagadora maioria dos inquiridos (92%) estar afastada do mundo quotidiano do trabalho há cerca de 15,5 anos, em média, o que poderá ter desativado relações e transformado em amigos alguns colegas de trabalho que foram permanecendo nas suas vidas. Para além disso, 19,1% eram ou são domésticas, não tendo tido relações de trabalho. Assinala-se que a maior parte dos participantes (47,4%) apresenta uma perceção de contração do tamanho da rede após o acontecimento relevante de vida que constitui a aposentação, fazendo-nos pensar que os vínculos desativados não foram substituídos por outro tipo de laços.

A densidade das redes no nosso estudo é elevadíssima, tal como o verificado noutros estudos sobre redes sociais pessoais de idosos (Litwin, 1995b; Silva & Matos, 2012; Vicente & Sousa, 2012a, 2012b), sendo superiores aos registados para as redes de população adulta (Degenne & Lebeaux, 2005; Giannella & Fischer, 2016; Marsden, 1987; Marti, Bolívar & Lozares, 2017). Provavelmente tal estará associado ao confinamento familiar das redes (Cabral et al., 2013; Giannella & Fischer, 2016; Litwin, 1995b; Martín, 2004), assim como ao facto de tendermos à interconexão entre os membros das nossas redes à medida que a vida avança, pelas oportunidades de contacto que se vão proporcionando, ou ainda ao facto de redes pequenas permitirem maior nível de interconexão (Wenger, 1991). A marca rural e suburbana da amostra (82,2%), assim como o facto de a maioria (79,6%) ter vivido toda a sua vida na mesma zona ou em localidade próxima, pode também favorecer esta característica. Guay (1984) usava a metáfora da família alargada típica do meio rural para referir-se à rede coesa e Portugal (2014) considera as redes encapsuladas, exclusivamente familiares, como típicas de meios rurais e periurbanos.

Características funcionais da rede social pessoal

Funcionalmente avaliámos a perceção de apoio (emocional, tangível, informativo, companhia social e acesso a novos contactos), e da reciprocidade. Os níveis médios percebidos de suporte são elevados, tendo sido mais valorizado

o apoio emocional e menos valorizados o apoio tangível e o acesso a novos contactos. Ao analisar as diferenças no suporte percebido consoante a sua fonte fossem as relações familiares ou as relações extrafamiliares, verificámos que as funções genéricas de suporte (emocional, tangível e informativo) apresentam diferenças subtis, mas constantes e estatisticamente significativas ($p < 0,01$), sempre com valores superiores quando a fonte são os laços familiares. Tais resultados vão ao encontro dos achados de outros estudos (Moral et al., 2007; Park, Smith & Dunkle, 2014; Vicente & Sousa, 2012a), confirmando a tendência de percepção de um apoio mais efetivo por parte dos vínculos familiares ou de uma mais valorizada atribuição ao apoio dos laços de parentesco, traço do familismo no suporte informal e eventual reflexo cultural de uma valorização da família face a outras relações interpessoais (Lage, 2005; Portugal, 2011, 2014), sendo que estas relações tendem a assumir “simultaneamente um importante número de funções” (Sluzki, 1996, p. 54). Litwin (1995a, 1995b) distingue os laços familiares com membros da família nuclear e coabitantes (rede familiar intensa) da restante família alargada, associando-lhes níveis de suporte mais elevados, o que já não acontece noutra seu estudo, que evidencia os maiores níveis de suporte nas redes de parentela compostas por família extensa, e os mais baixos nas redes familiares mais restritas (Litwin & Landau, 2000). Por seu lado, Cabral et al. (2013) encontraram maior percepção de suporte emocional nos sujeitos com redes maiores e familiares, mas maior percepção de suporte instrumental disponível nas redes não familiares, ainda que se destaquem os filhos como principais fontes deste tipo de suporte. Note-se que o suporte material e instrumental assume muita relevância em situações de autonomia reduzida, sendo que algumas tarefas que englobamos neste tipo de apoio correspondem a atividades do quotidiano e do cuidar, mas também a apoio em deslocações, em tratar de assuntos diversos ligados a burocracias ou à manutenção de condições residenciais, por exemplo, mas quando focamos a prestação de cuidados a idosos dependentes, estes são eminentemente assegurados pela família (Brito, 2002; Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004).

A reciprocidade é uma função central nas redes, que funciona como âncora dos vínculos, inscrevendo as redes sociais no sistema de dádiva (Portugal, 2007b). Esta é também percebida como elevada, afirmando a maioria dos inquiridos que dão apoio à maior parte das pessoas da sua rede (59,2%). Vicente e Sousa (2012b) encontraram também níveis elevados de reciprocidade, sobretudo nas relações de vizinhança e familiares.

Tem vindo a ser evidenciada a relevância do suporte oferecido pela população idosa a outros sujeitos da mesma geração e de gerações mais jovens (Barbosa & Matos, 2014), sendo relevante a análise da reciprocidade de forma dinâmica. Não analisamos no estudo diferenças entre formas de reciprocidade direta ou difusa (Portugal, 2007b), mas atendendo à posição dominante da família nas redes, podemos inferir uma associação entre parentesco e reciprocidade, a qual é difundida na diacronia da cadeia intergeracional (Portugal, 2007b; Fernandes, 2001), ainda que dependa de diversas ordens de fatores, tais como de fatores socioeconómicos ou da difícil conciliação da vida familiar com a vida profissional. Fora dos laços familiares, a manutenção dos níveis de reciprocidade é também favorecida pela simetria nas trocas permanentemente ativas num ciclo de “dar-receber-retribuir” (Portugal, 2007b).

Características relacionais-contextuais da rede social pessoal

O estudo avaliou nesta dimensão a frequência de contactos, a distância de residência entre o sujeito central e os membros da sua rede, a durabilidade relacional, a hetero/homogeneidade etária e sexual.

A frequência de contactos é fulcral para a manutenção, ativação e intensidade dos vínculos (Guadalupe, 2016), sendo os contactos face-a-face condicionados pela distância geográfica, ainda que esta possa ser debelada por formas de contacto à distância através de tecnologias de comunicação. Os nossos resultados indicam que os contactos entre os sujeitos centrais e os membros das suas redes são plurisemanais, em média, com relevância do contacto diário revelada pelo valor modal, tendo Litwin (1995a) encontrado frequências de contacto idênticas, que se aproximavam da interação diária.

Os resultados registam diferenças significativas quando comparamos os contactos com membros familiares e extrafamiliares ($p < 0,01$), sendo os contactos com os últimos mais frequentes. Os nossos resultados são dissonantes relativamente a alguns estudos que encontram uma interação mais intensa nas redes familiares mais restritas (Cabral et al., 2013; Litwin, 1995a, 1995b, 2001; Portugal, 2014), sugerindo, no entanto, que nas redes dominadas pela família extensa a frequência de contactos é baixa (Litwin, 1995a, 1995b), tendo as redes de composição mais diversa maior contacto com laços extrafamiliares (Cheng et al., 2009; Litwin, 1997; Melkas & Jylhä, 1996; Vassilev et al., 2016), havendo interação quotidiana com a vizinhança (Cabral et al., 2013). Entendemos que os resultados do presente estudo podem dever-se à tendência contemporânea de nuclearização familiar e de não coabitação em família alargada, sendo os

contactos com a família semanais ou plurisemanais, quando com os laços não familiares são claramente plurisemanais, sendo a proximidade e a interação quotidiana um cunho da vizinhança e das relações institucionais.

Uma variável que tem sido associada à anterior é a dispersão geográfica. A distância na qual ela se traduz pode afetar a sinalização de necessidades, a mobilização dos vínculos e a efetividade do suporte. Os resultados evidenciam que a residência tende a ser na mesma localidade ou na mesma rua/bairro, o que confirma a evidência de Litwin (1995a) que encontrou nas redes dos idosos uma distância de aproximadamente 10 minutos a pé entre os membros.

Quando comparamos as médias da distância com laços familiares e extrafamiliares, ressalta uma maior proximidade com os segundos ($p < 0,05$), o que atribuímos à mesma ordem de fatores do referido para a frequência de contactos. Os resultados divergem, assim, dos obtidos por Cabral et al. (2013) que faz notar menor distância geográfica nas redes onde predomina a família, pautada pela coabitação ou residência próxima. Note-se que 21,2% dos sujeitos da amostra vivem sozinhos e que 34,5% coabitam com o seu cônjuge, em casal. Ou seja, a maioria dos sujeitos não coabitam com filhos ou familiares da família alargada. A manutenção no espaço rural, onde se encontram 52,9% dos participantes, também nem sempre é a escolha das gerações mais novas. Tal poderá ser preocupante, atendendo a que, no caso de perda de autonomia, a co-residência e a proximidade geográfica são apontadas como fatores que determinam a prestação de cuidados (Bris, 1994; Diogo, Ceolim & Cintra, 2005), sendo geralmente os cônjuges e as filhas os parentes mais envolvidos na experiência de cuidar (Arber & Ginn, 1990; Bris, 1994; Deus, Guadalupe & Daniel, 2012; Gil, 2010; Martín, Paúl & Roncon, 2000; Pimentel, 2011).

A durabilidade relacional nas redes indica-nos a sua estabilidade. A média de aproximadamente 40 anos de conhecimento mútuo entre os membros sugere, assim, uma forte estabilidade, correspondendo a "meia vida", se atendermos à esperança média de vida à nascença. Ainda que a perenidade dos laços familiares (Portugal, 2011) seja uma das marcas de água das redes, e de Cabral et al. (2013) associarem a maior durabilidade aos laços familiares, podemos esperar que a durabilidade revele a sua transgeracionalidade, pois expressa a média de idades entre relações de parentesco na mesma geração (com cônjuge, irmãos, cunhados, primos e outros parentes), com a geração anterior (pais e tios), e com a geração mais nova (filhos, noras/genros, netos e bisnetos). Neste sentido, apesar de a estabilidade ser normativa

neste campo relacional, e de não termos dados desagregados para uma análise mais detalhada, a durabilidade pode eventualmente ser menor entre as relações familiares, esperando relações de maior estabilidade temporal no campo das relações de vizinhança, atendendo à permanência na zona e nas de amizade marcadas pela partilha de geração.

Para além da estabilidade na rede, esta variável também permite avaliar a renovação da rede, isto é, a inclusão de laços mais recentes. Os resultados apresentam uma elevada amplitude e dispersão, variando entre 3 e 74 anos, no entanto não é possível aferir a renovação de laços atendendo ao uso do valor médio em cada rede, sendo interessante explorar a eventual renovação de vínculos pós-aposentação em estudos longitudinais futuros.

As características dos membros que compõem as redes, quanto ao sexo e à idade, indicam que as redes são na sua maioria heterogéneas relativamente aos dois marcadores sociais. No entanto, 27% das redes são homogéneas no sexo feminino. Estas redes, compostas exclusivamente por mulheres, tendem a pertencer a participantes mulheres (em 77,3% dos casos). Já as redes exclusivamente compostas por homens tendem, de forma complementar, a pertencerem a respondentes do sexo masculino. A literatura tende a assinalar vantagens e desvantagens para o sujeito focal associadas à homogeneidade ou heterogeneidade da sua rede, em termos de processos identitários, reconhecimento de sinais de stress e potencial de ativação (Sluzki, 1996). Assim, apesar da homogeneidade demográfica ser relativamente rara no nosso estudo, importa assinalar que não foi avaliada a homogeneidade sociocultural que parece assumir maior relevância na funcionalidade da rede. A literatura tem evidenciado que a homogeneidade cultural das redes baseada na etnia e na raça são apontadas como mais limitadoras da interação relacional do que a educação ou o sexo (Marsden, 1988), sendo a homogeneidade cultural associada à manutenção de identidades sociais simples, mantidas por redes pequenas, densas, pouco dispersas e homogéneas, enquanto que as identidades complexas e abertas à mudança se associam a redes maiores, menos densas e heterogéneas (Wenger, 1991). A nível etário, esperava-se que o recorte geracional tivesse um maior efeito na composição das redes, o que não acontece, pois apenas 9,8% das redes apresentam uma proporção igual ou maior de 75% de membros na mesma faixa etária dos inquiridos. Tal dever-se-á provavelmente ao peso dos laços familiares nas redes, pela sua multigeracionalidade, o que eventualmente poderá ser diferente ao nível dos vínculos de amizade e de vizinhança,

provavelmente de idades mais aproximadas das do sujeito focal.

Limitações e estudos futuros

O presente estudo apresenta um contributo relevante para o conhecimento das redes na população de idade avançada, mas não deixa de reconhecer algumas limitações que se prendem com questões metodológicas e amostrais. Focamos também algumas dimensões que gostaríamos de ver aprofundadas em estudos futuros.

A avaliação das características das redes sociais pessoais pode ter sido influenciada pela opção metodológica por uma escala de *Likert* de três pontos na versão usada do IARSP desenvolvida por Guadalupe e por Vicente em 2012 (Guadalupe, 2017), o que permite ao respondente uma maior simplificação na resposta (Vicente, 2010), mas impede uma maior diferenciação entre níveis de suporte moderados, elevados e muito elevados, por exemplo, empurrando-os para o nível mais elevado. Para além disso, a cotação intermédia da variável pode estar a mitigar assimetrias de suporte entre os membros de cada rede, disponibilizando valores médios, não revelando a frequência dos diferentes níveis de suporte em cada função ou relativa a cada fonte. Em futuros estudos a versão do instrumento deve ser repensada para proporcionar um maior detalhe na avaliação funcional, sendo esta central para o diagnóstico de uma rede apoiante e efetiva.

Apesar do detalhe das análises possíveis, consideramos que aprofundar a análise das relações de amizade e de vizinhança afigura-se como interessante em futuras investigações, tendo em conta o contexto cultural português, distinguindo níveis de proximidade relacional e de interação, durabilidade e funções assumidas, a sua homogeneidade etária, de género e socioeconómica, entre outras dimensões que atravessam estas esferas relacionais. No âmbito dos laços familiares, o presente estudo não distingue entre coabitantes, família próxima e família alargada, por exemplo. Tendo em consideração a centralidade deste campo relacional, será interessante em próximos estudos fazer a destrição entre laços fracos e fortes nas relações familiares, assim como as formas de contacto dominantes nas relações, no sentido de enriquecer a informação sobre esta característica e para aprofundar a compreensão acerca do familismo das redes em Portugal. Por exemplo, quando há filho/as, terá interesse apurar a distância destes em relação aos seus pais idosos, antecipando e prevenindo eventuais dificuldades e equacionando potencialidades trazidas pela distância ou proximidade geográfica para a (in)efetividade da provisão

social informal ascendente, particularmente no que toca ao suporte tangível.

Ainda relativamente à composição das redes, sugerimos que o campo das relações de trabalho seja retirado na análise de redes em estudos com população idosa, atendendo ao desligamento da interação quotidiana com este campo para a maioria das situações e à possibilidade de as relações fortes neste campo serem eventualmente classificadas como relações de amizade. A manutenção do campo justifica-se, no entanto, quando pretendemos analisar o impacto do processo de aposentação na rede. A separação na análise das relações formais e informais no seio institucional também poderia trazer vantagens para aprofundar a compreensão das relações neste contexto.

Seria também interessante, em estudos subsequentes, acrescentar outras características que nos indiquem a partilha identitária entre o sujeito central e os membros das suas redes, assim como distinguir analiticamente a homo/heterogeneidade segundo o campo relacional.

CONCLUSÕES

O estudo descritivo apresentado traça o perfil multidimensional das redes sociais pessoais de indivíduos da população idosa em Portugal, com base nos indicadores médios das características avaliadas. Os resultados são apresentados de forma detalhada relativamente às três dimensões avaliadas (estrutural, funcional e relacional-contextual), permitindo aceder a perfis morfológicos, funcionais e interacionais das redes.

Reconhecendo-se a influência cultural nas características das redes sociais pessoais, afigura-se pertinente estudá-las num segmento populacional em expansão demográfica em Portugal, como é a população idosa. Urge conhecer e aprofundar as suas redes como contextos de interação, de inserção social e enquanto fontes de suporte social.

De evidente interesse epidemiológico, o presente estudo constitui um contributo relevante especialmente para investigadores e profissionais das áreas da saúde, das ciências sociais e do comportamento. A nível interventivo, apresenta dados cruciais para o desenvolvimento e diversificação de programas e de planos que potenciem uma interação social saudável, relações suportativas e a promoção do bem-estar individual e social desta população, respondendo a diferentes perfis e condições de provisão social nas redes. Mas também pretende constituir uma referência para atores individuais e coletivos, que interferem organizacional e politicamente no campo da intervenção junto da população idosa, na medida em que garante

evidência que pode contribuir para a formulação ou reformulação de políticas sociais que respondam cabalmente à heterogeneidade de necessidades e de realidades vividas pelas pessoas nas suas teias relacionais.

REFERENCIAS

Adams, R.G., Blieszner, R. & de Vries, B. (2000). Definitions of friendship in the third age: Age, gender, and study location effects. *Journal of Aging Studies*, 14(1), 117-133. doi: [10.1016/S0890-4065\(00\)80019-5](https://doi.org/10.1016/S0890-4065(00)80019-5)

Aday, R., Kehoe, G. & Farney, L. (2006). Impact of senior center friendships on aging women who live alone. *Journal of Women & Aging*, 18(1), 57-73. doi: [10.1300/J074v18n01_05](https://doi.org/10.1300/J074v18n01_05)

Ajrouch, K.J., Blandon, A.Y., & Antonucci, T.C. (2005). Social Networks Among Men and Women: The Effects of Age and Socioeconomic Status. *Journal of Gerontology*, 60(6), 311-317. doi: 10.1093/geronb/60.6.S311

Alarcão, M. & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: do conceito à avaliação. *Psicologica*, 44, 353-76.

Almeida, A.K. & Maia, E.M.C. (2010). Amizade, idoso e qualidade de vida: revisão bibliográfica. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 743-750.

Antonucci, T. C. & Akiyama, H. (1987). Social networks in adult life and a preliminary examination of the convoy model. *Journal of Gerontology*, 42(5), 519-527. doi: [10.1093/geronj/42.5.519](https://doi.org/10.1093/geronj/42.5.519)

Araújo, C. K., Cardoso, C. M. C., Moreira, E. P. & Wegner, E. (2012). Vínculos familiares e sociais nas relações dos idosos. *Revista Jovens Pesquisadores*, 1, 97-107. Retrieved from <https://online.unisc.br/seer/index.php/jovenspesquisadores/article/view/2868/2033>

Arber, S. & Ginn, J. (1990). The meaning of informal care: Gender and the contribution of elderly people. *Ageing & Society*, 10(4), 429-454. doi: 10.1017/S0144686X00007406.

Arber, S., Davidson, K. & Ginn, J. (2003). Changing approaches to gender and later life. In S. Arber, K. Davidson & J. Ginn (eds.). *Gender and ageing: changing roles and relationships* (pp. 1-14). Philadelphia: Open University Press, McGraw-Hill.

Arias, C.J. (2009). La red de apoyo social en la vejez. Aportes para su evaluación. *Revista de Psicología da IMED*, 1(1), 147-158.

Barbosa, F. & Matos, A. D. (2014). Informal support in Portugal by individuals aged 50+.

European Journal of Ageing, 11, 293-300. doi: [10.1007/s10433-014-0321-0](https://doi.org/10.1007/s10433-014-0321-0)

Barrón, A. (1996). *Apoyo social: aspectos teóricos y aplicaciones*. Madrid, Siglo Veintiuno España Editores.

Berkman, L.F. e Syme, S.L. (1979). Social networks, host resistance, and mortality: a nine-year follow-up study of Alameda County residents. *American Journal of Epidemiology*, 109, 186-204.

Bris, H. J-L. (1994). *Responsabilidade familiar pelos dependentes idosos nos países das comunidades europeias*. Lisboa: Conselho Económico e Social. Retrieved from <http://www.ces.pt/download/600/RespFamDepIdosos.pdf>

Brito, L. (2002). *A Saúde Mental dos Prestadores de Cuidados a Familiares Idosos*. Coimbra: Quarteto.

Burholt, V. & Dobbs, C. (2014). A support network typology for application in older populations with a preponderance of multigenerational households. *Ageing & Society*, 34, 1142-1169. doi: [10.1017/S0144686X12001511](https://doi.org/10.1017/S0144686X12001511)

Cabral, M. V., Ferreira, P. M., Silva, P. A., Jerónimo, P. & Marques, T. (2013). *Processos de envelhecimento em Portugal – Usos do tempo, redes sociais e condições de vida*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. Retrieved from <https://www.ffms.pt/FileDownload/b45aa8e7-d89b-4625-ba91-6a6f73f4ecb3/processos-de-envelhecimento-em-portugal>

Carstensen, L. L., Isaacowitz, D. M. & Charles, S. T (1999). Taking time seriously a theory of socioemotional selectivity. *American Psychologist*, 54(3), 165-181. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10199217>

Chambo, V.J.A. (1997). *Apoyo social y salud, una perspectiva comunitária*. Valencia: Promolibro.

Cheng, S-T., Lee, C. K. L., Chan, A. C. M., Leung, E. M. F., & Lee, J-J. (2009). Social network types and subjective well-being in chinese older adults. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 64B(6), 713-722. doi:10.1093/geronb/gbp075

Cornwell, B., Laumann, E. O., & Schumm, L. F. (2008). The Social connectedness of older adults: A national profile. *American Sociological Review*, 73(2), 185-203. doi: [10.1177/000312240807300201](https://doi.org/10.1177/000312240807300201)

Daniel, F., Ribeiro, A. M., & Guadalupe, S. (2011). Recursos sociais na velhice: um estudo sobre as redes sociais de idosos beneficiários de

apoio domiciliário. In A.D. Carvalho (coord.), *Solidão e solidariedade: entre os laços e as fracturas sociais* (pp. 73-85). Porto: Edições Afrontamento.

Degenne, A. & Lebeaux, M-O. (2005). The dynamics of personal networks at the time of entry into adult life. *Social Networks*, 27, 337-358. Retrieved from: http://www.urbanlab.org/articles/DegenneLebeaux_2005_DynamicsOfSN.pdf

Deus, A., Guadalupe, S., & Daniel, F. (2012). Expectativas associadas ao cuidar das gerações mais velhas: comparação entre filhos únicos e membros de fratrias. In *Livro de Actas do VII Congresso Português de Sociologia, Sociedade, Crise e Reconfigurações*. Universidade do Porto (Portugal). Retrieved from: http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP1067_ed.pdf

Diogo, M., Ceolim, M. & Cintra, F. (2005). Orientações para idosas que cuidam de idosos no domicílio: relato de experiência. *Revista Escolar de Enfermagem*, 39, 97-102.

Dobova, S. V., Pérez-Cuevas, R., Espinosa-Alarcón, P., & Flores-Hernández, S. (2010). Social network types and functional dependency in older adults in Mexico. *BMC Public Health*, 10, 104. Retrieved from <http://www.biomedcentral.com/1471-2458/10/104>

Fehr, B. (1996). *Friendship processes*. London: Sage.

Fernandes, A. A. (2001). Velhice, solidariedades familiares e política social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 36, 39-52. Retrieved from http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292001000200003

Ferreira, P & Marques, T. (2012). Redes sociais e envelhecimento. *Actas do VII Congresso Português de Sociologia, Sociedade, Crise e Reconfigurações*. Porto: APS. Retrieved from http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0976_ed.pdf

Field, D. & Minkler, M. (1988). Continuity and change in social support between young-old and old-old or very-old age. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 43(4), 100-106.

Fonseca, A.M., Paúl, C., Marin, I., & Amado, J. (2005). Condição Psicossocial de idosos rurais numa aldeia do interior de Portugal. In C. Paúl e A.M. Fonseca. *Envelhecer em Portugal* (pp. 97-108). Lisboa: Climepsi.

Giannella, E. & Fischer, C. S. (2016). An inductive typology of egocentric networks. *Social Networks*, 47, 15-23. doi: 10.1016/j.socnet.2016.02.003

Gil, A.P.M. (2010). *Heróis do quotidiano: dinâmicas familiares na dependência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Giles, L.C., Glonek, G.F.V., Luszcz, M.A. & Andrews, G.R. (2007). Do social networks affect the use of residential aged care among older Australians? *BMC Geriatrics*, 7, 24-34. DOI:10.1186/1471-2318-7-24.

Grundy, E. & Holt, G. (2001). The socioeconomic status of older adults: How should we measure it in studies of health inequalities? *Journal of Epidemiology Community Health*, 55, 895-904. doi: [10.1136/jech.55.12.895](https://doi.org/10.1136/jech.55.12.895)

Guadalupe, S. (2016). *Intervenção em rede: Serviço Social, sistémica e redes de suporte social*. (2nd edition). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. doi: 10.14195/978-989-26-0866-2

Guadalupe, S. (2017). *As redes de suporte social informal em Serviço Social: as redes sociais pessoais de idosos portugueses nos processos de avaliação diagnóstica em respostas sociais* [PhD Thesis in Social Work] Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Escola de Sociologia e Políticas Públicas e CIES, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10071/16706>

Guay, J. (1984). L'intervenant professionnel face à l'aide naturelle. Montréal: Gaëtan Morin.

Ham-Chande, R., Ybáñez-Zepeda, E. & Torres-Martínez, A.L. (2003). Redes de apoyo y arreglos de domicilio de las personas en edades avanzadas en la Ciudad de México. *Notas de Población*, 77, 71-102.

Hooyman, N. (1983). Social support networks in services to the elderl. In J.K. Whittaker e J. Garbarino (coord.). *Social support networks: informal helping in the human services* (pp. 134-166). New York: Aldine.

INE – Instituto Nacional de Estatística (Portugal) (2012). Censos 2011 – Resultados Pré-definitivos. Momento Censitário, 21 de março 2011. *Destaque*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, IP.

Lage, I. (2005). Cuidados familiares a idosos. In C. Paúl e A.M. Fonseca. *Envelhecer em Portugal* (pp. 203-229). Lisboa: Climepsi.

Li, T & Zhang, Y. (2015). Social network types and the health of older adults: Exploring reciprocal associations. *Social Science & Medicine*, 30(130), 59-68. doi: [10.1016/j.socscimed.2015.02.007](https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2015.02.007)

Lima, M. P. (2010). *Envelhecimento – Estado da arte*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

- Litwin, H. & Landau, R. (2000).** Social network type and social support among the old-old. *Journal of Aging Studies*, 14(2), 213-228. doi: [10.1016/S0890-4065\(00\)80012-2](https://doi.org/10.1016/S0890-4065(00)80012-2)
- Litwin, H. (1995a).** The social networks of elderly immigrants: An analytic typology. *Journal of Aging Studies*, 9(2), 155-174. doi: [10.1016/0890-4065\(95\)90009-8](https://doi.org/10.1016/0890-4065(95)90009-8)
- Litwin, H. (1995b).** *Unrooted in old age: soviet Jews and their social networks in Israel*. Westport, CT: Praeger.
- Litwin, H. (1996)** (Ed.). The social networks of older people: A cross-national analysis. Westport, Connecticut: Praeger.
- Litwin, H. (1997).** The network shifts of elderly immigrants: The case of Soviet Jews in Israel. *Journal of CrossCultural Gerontology*, 12, 45-60.
- Litwin, H. (2001).** Social network type and morale in old age. *The Gerontologist*, 41(4), 516-24. doi: [10.1093/geront/41.4.516](https://doi.org/10.1093/geront/41.4.516)
- Marsden, P.V. (1987).** Core Discussion Networks of Americans. *American Sociological Review*, 52(1), 122-131.
- Marsden, P.V. (1988).** Homogeneity in confiding relations. *Social Networks*, 10, 57-76.
- Martí, J., Bolívar, M. & Lozares, C. (2017).** Network cohesion and social support. *Social Networks*, 48, 192-201. doi: [10.1016/j.socnet.2016.08.006](https://doi.org/10.1016/j.socnet.2016.08.006)
- Martin, C. (2004).** The rediscovery of family solidarity: Backgrounds and concepts? In T. Knijn e A. Komter (eds.). *Solidarity between the sexes and the generations: Transformations in Europe* (pp. 3-17). Cheltenham, London: Edward Elgar.
- Martín, I. Paúl, C. & Roncon, J. (2000).** Estudo de adaptação e validação da escala de avaliação do cuidado informal. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 1(1), 3-9.
- Matt, G.E. & Dean, A. (1993).** Social support from friends and psychological distress among elderly persons: moderator effects of age. *Journal of Health and Social Behavior*, 34(3), 187-200
- McPherson, M. Smith-Lovin, L. & Brashears, M.E. (2006). Social isolation in America: changes in core discussion networks over two decades. *American Sociological Review*, 71(3), 353-375. doi: [10.1177/000312240607100301](https://doi.org/10.1177/000312240607100301)
- Melkas, T. & Jylhä, M. (1996). Social network characteristics and social network types among Elderly People in Finland. In H. Litwin (Ed.), *The social network of older people: a cross national analysis* (pp. 99-116). Westport, CT: Praeger.
- Molina, J. L. (2001).** *El análisis de redes sociales. Una introducción*. Barcelona: Bellaterra.
- Moral, J.C.M., Miguel, J.M.T. & Pardo, E.N. (2007).** Análisis de las redes sociales en la vejez através de la entrevista Manheim. *Salud Pública de México*, 49(6), 408-414.
- Mugford, S. & Kendig, H. (1986).** Social relations: Networks and ties. In H. Kendig (ed.). *Ageing and families: A social networks perspective* (pp. 38-59). Sydney: Allen and Unwin.
- Park, S. Smith, J., & Dunkle, R. E. (2014).** Social network types and well-being among South Korean older adults. *Aging & Mental Health*, 18(1), 72-80. doi: [10.1080/13607863.2013.801064](https://doi.org/10.1080/13607863.2013.801064)
- Paul, C., Fonseca, A.M., Marin, I., & Amado, J. (2005).** Satisfação e qualidade de vida em idosos portugueses. In C. Paúl e A.M. Fonseca. *Envelhecer em Portugal* (pp. 75-95). Lisboa: Climepsi.
- Peters, G.R. & Kaiser, M.A. (1985).** The role of friends and neighbors in providing social support. In W.J. Sauer e R.T. Coward (eds.). *Social support networks and the care of the elderly*. New York: Springer.
- Phillipson, C., Bernard, M., Phillips, J. e Ogg, J. (2001).** *The family and community life of older people. Social networks and social support in three urban areas*. London and New York: Routledge.
- Pimentel, L. (2011).** O Sexo dos Anjos: os cuidados às pessoas idosas dependentes como uma esfera de acção preferencialmente feminina. *Ex Aequo*, 23, 23-37.
- Portugal, S. (2007a).** Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. Oficina do CES, 271. Coimbra: CES-UC. Retrieved from <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf>
- Portugal, S. (2007b).** O que faz mover as redes sociais? Uma análise das normas e dos laços. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 79, 35-56.
- Portugal, S. (2011).** Dádiva, família e redes sociais. In S. Portugal & P.H. Martins (org.). *Cidadania, políticas públicas e redes sociais* (pp. 39-53). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Portugal, S. (2014).** *Famílias e redes sociais. Ligações fortes na produção de bem-estar*. Coimbra: Almedina.
- Salinas, A., Manrique, B. & Rojo, M.M.T. (2008).** Redes de apoyo social en la vejez: adultos mayores beneficiarios del componente

para Adultos Mayores del Programa Oportunidades. III Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, ALAP. Córdoba, Argentina.

Schnittker, J. (2007). Look (closely) at all the lonely people: age and the social psychology of social support. *Journal of Aging and Health*, 19, 659-82.

Shea, L., Thompson, L. & Blieszner, R. (1988). Resources in older adults' old and new friendships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5(1), 83-96. doi: [10.1177/0265407588051005](https://doi.org/10.1177/0265407588051005)

Silva, P. & Matos, A. D. (2012). Velhice, institucionalização e redes sociais. *Atas do VII Congresso Português de Sociologia*. Porto. Associação Portuguesa de Sociologia.

Silva, P. & Matos, A.D. (2012). Velhice, institucionalização e redes sociais. *Atas do VII Congresso Português de Sociologia*. Porto. Associação Portuguesa de Sociologia. Online in: http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP1201_ed.pdf.

Sluzki, C. E. (1996). *La red social: Frontera de la practica sistémica*. Barcelona: Gedisa Editorial.

Sousa, L. (2005). Building on personal networks when intervening with multiproblem poor families. *Journal of Social Work Practice*, 19 (2), 159-75.

Sousa, L. Figueiredo, D. & Cerqueira, M (2004). *Envelhecer em família - Os cuidados familiares na velhice*. Porto: Âmbar.

Souza, L.K. & Hutz, C.S. (2008). Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 257-265. doi: [10.1590/S1413-73722008000200008](https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200008)

Stone, L. & C. Rosenthal (1996). Profiles of the social networks of Canada's elderly: An analysis of 1990 General Social Survey Data. In H. Litwin (Ed.), *The Social Networks of Older People: A Cross-National Analysis* (pp. 77-97), Westport: Praeger Publishers.

Valle, J. & Garcia, A. (1994). Redes de apoyo social en usuarios del servicio de ayuda a domicilio de la tercera edad. *Psicothema*, 6(1), 39-47.

Van der Poel, M. G. M. (1993). Delineating personal support networks. *Social Networks*, 15, 49-70. doi: [10.1016/0378-8733\(93\)90021-C](https://doi.org/10.1016/0378-8733(93)90021-C)

Vassilev, I., Rogers, A., Kennedy, A., Wensing, M., Koetsenruijter, J., Orlando, R., et al. (2016). Social network type and long-term condition management support: a cross-sectional study in six european countries. *PLoS ONE*, 11(8), e0161027. doi: 10.1371/journal.pone.0161027

Vicente, H.T. (2010). *Família multigeracional e relações intergeracionais: Perspectiva sistémica* [Tese de doutoramento]. Aveiro: Secção Autónoma de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro.

Vicente, H.T. e Sousa, L. (2012a). Relações intergeracionais e intrageracionais: A matriz relacional da família multigeracional. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(2), 99-117.

Vicente, H.T. e Sousa, L. (2012b). Redes sociais pessoais das gerações mais velhas: Famílias com quatro gerações vivas. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(2), 75-98.

Wellman, B. (1996). Are personal communities local? A Dumptarian reconsideration. *Social Networks*, 18(4), 347-354. doi: 10.1016/0378-8733(95)00282-0

Wenger, G. C. (1991). A network typology: from theory to practise. *Journal of Aging Studies*, 5(2), 147-162. doi: [10.1016/0890-4065\(91\)90003-B](https://doi.org/10.1016/0890-4065(91)90003-B)

Wenger, G. C. (1997). Social networks and the prediction of elderly people at risk. *Aging & Mental Health*, 1(4), 311-320. doi: [10.1080/13607869757001](https://doi.org/10.1080/13607869757001)

Wenger, G.C. (1990). The special role of friends and neighbors. *Journal of Aging Studies*, 4(2), 149-169. doi: [10.1016/0890-4065\(90\)90012-W](https://doi.org/10.1016/0890-4065(90)90012-W)

Willmott, P. (1987). *Friendship networks & social support*. London: PSI Publications.

Wolff, F.-C. (2013). Well-being of elderly people living in nursing homes: The benefits of making friends. *KYKLOS*, 66(1), 153-171. doi: [10.1111/kykl.12015](https://doi.org/10.1111/kykl.12015)

Zumalde, E. C. (1994). Apoyo social y ancianos en residencias. *Zerbitzuan: Gizarte zerbitzuetarako aldizkaria* [Revista de servicios sociales], 25, 71-76..

Remitido: 11-06-2019

Corregido: 17-06-2019

Aceptado: 22-06-2019

